

# **Dois Franceses, Um Diário, uma Pintura e um Equívoco.**

## **Diálogo entre Saint-Hilaire e Debret sobre a Porto Alegre da déc. de 1820**

---

### RESUMO:

A intenção deste artigo é discutir as características urbanísticas da cidade de Porto Alegre na década de 1820 a partir do diálogo entre duas formas de registros não oficiais da cidade. O diário de viagem de Auguste Saint-Hilaire e uma Aquarela de Jean-Baptiste Debret. O que motiva esse diálogo é um equívoco realizado pelo pintor ao nomear uma de suas aquarelas. Durante a tentativa de demonstração desse erro vamos revelando a capital da Província do Rio Grande do Sul em alguns de seus aspectos como sua implantação, seus equipamentos públicos, espaços públicos, além de aspectos do seu cotidiano.

A intenção deste artigo é discutir as características urbanísticas da cidade de Porto Alegre na década de 1820 a partir do diálogo entre duas formas de registros não oficiais (1) da cidade. O diário de viagem de Auguste Saint-Hilaire e uma aquarela de Jean-Baptiste Debret. O que motiva esse diálogo é um equívoco realizado pelo pintor ao nomear uma de suas obras.

Criemos de início, uma cena imaginária. Nela há um homem já grisalho e de costeletas longas, metido em um cômodo austero de paredes caiadas, piso de tabuões de madeira e janelas de verga de arco abatido, derretendo de calor. Com uma pintura à mão tem dúvidas sobre o nome da cidade retratada. – *Como é mesmo o nome daquele lugar?* pergunta a si mesmo. Sem ter a quem recorrer, indaga, com sotaque carregado, ao primeiro que passa pela sala onde estava. – *S'il Vous Plaît Monsieur, Vossa Mercê sabe qual é o nome de uma cidade numa província do sul do Brasil que tem um porto belíssimo. Acho que começa com P.* E o sujeito de lá responde. – *Eu conheço uma chamada Paranaguá! Serve?* Serviu.

Nesse parágrafo de ficção o dono da dúvida é Jean-Baptiste Debret, francês nascido em Paris em 1768. Foi pintor, desenhista, gravador, professor, decorador e cenógrafo. Segundo Bandeira e Lago (2008, p. 20) “suas imagens são únicas por oferecer uma revisitação desses primeiros anos de vida brasileira independente”.

Este artista é convidado por Lebreton em 1815 “a integrar, como professor de pintura histórica, a Missão Artística Francesa, que fundaria a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro” (BELUZZO, 1994, p. 179-180). Chega ao Brasil em 1816 e atua como pintor da Casa Imperial e como membro correspondente da classe de Belas Artes do Instituto da França. O ano de 1827 é o momento da “viagem de Debret ao Sul do Brasil” (BANDEIRA; LAGO, 2008, p. 63). Segundo estes autores

Debret passaria a maior parte de seus 15 anos brasileiros no Rio de Janeiro, exceto pela sua viagem ao Sul em 1827, possivelmente influenciada pelo relato de Landseer que esteve em São Paulo e Santa Catarina em 1826. A sua viagem ao Sul em 1827 é documentada por uma série de 89 aquarelas onde o pintor de história rompe com a taxionomia dos tipos e costumes urbanos (BANDEIRA; LAGO, 2008, p. 48).

Conhece então as províncias meridionais de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Posteriormente ao seu retorno à França em 1831 “publicou em Paris o *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*, pela firma Firmin-Didot Frères, entre 1834 e 1839” (BELUZZO, 1994, p. 179-180). Esta obra deixa de fora inúmeras pinturas que o artista realizara em sua viagem exploratória à região meridional brasileira. Afirmam Bandeira e Lago (2008, p. 56-57) que

Talvez essa série de desenhos e aquarelas acabadas realizadas em 1827 ao longo de sua única e longa viagem enquanto morou no Brasil – às províncias do Sul – fosse destinada a um outro livro ou a um outro trabalho que Debret tinha em mente. Podem, também, ter correspondido a uma vontade de Debret de não perder a oportunidade de observar as várias cidades novas, topografias curiosas e paisagens notáveis que esta viagem lhe permitia descobrir. O fato é que praticamente nenhuma das aquarelas de 1827 ilustra a *Viagem Pitoresca*, salvo em um punhado de cenas marginais.

Uma destas imagens não publicadas em seu *Viagem Pitoresca* é a intitulada *Paranaguá*. E é na correspondência entre título e imagem que está o equívoco. O nome da pintura não casa com a imagem da cidade retratada. A aquarela se trata de fato de um panorama da cidade de Porto Alegre vista desde o norte, às margens do Guaíba. O cotejamento entre o registro gráfico e o relato escrito de outro europeu demonstrará esta falta de correlação.

O outro francês que dialoga neste artigo com Debret sobre Porto Alegre da década de 1820 é Augustin François Cesar Provençal de Saint-Hilaire, nascido em Orleans em 1779, naturalista e botânico (BELUZZO, 1994). Chegou ao Brasil em 1816, na comitiva do Conde de Luxemburgo (BELUZZO, 1994, p. 158). Com o intuito de “estudar a flora brasileira e formar coleções de história natural” (BELUZZO, 1994, p. 158) fez extensas incursões pelo país. Percorreu os atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul além do Uruguai (BELLUZZO, 1994). Procurava o conhecimento da natureza Brasileira, mas não se limitou a ela. Além das observações acerca da fauna e da flora, objetivo de sua expedição pelo País, “não foi menor também a argúcia com que buscou observar nossa sociedade oitocentista, dela nos dando um painel de cores nítidas” (CESAR, G. *in* SAINT-HILAIRE, 2002, p. 3).

Ele passa por Porto Alegre em duas temporadas. A primeira no inverno de 1820, entre os meses de junho e de julho e, a segunda, no outono-inverno do ano de 1821, entre meses de maio e julho. A partir de 1825, já de volta a Paris, começa a publicar seu trabalho sobre a flora Brasileira – *Flora Brasiliae Meridionalis* – e nas décadas de 1830, 1840 e 1850 edita seus relatos sobre as vivências com o Brasil. Na década de 1880, já postumamente (2) é editada por R. de Dreuzy a última obra de Saint-Hilaire contendo a descrição da exploração dos territórios da Província do Rio Grande do Sul e do Uruguai (BELUZZO, 1994; SAINT-HILAIRE, 2002).

Quando estes dois franceses chegam ao Brasil o país já está com seus portos abertos às nações amigas (3), abertura realizada logo após a transferência da corte portuguesa de Lisboa que aportou no Rio de Janeiro no ano de 1808 (4). Esta transferência, além de outros aspectos como a reviravolta nas relações entre

Metrópole e Colônia e de forçar o esboço de uma vida cultural na colônia, foi o momento em que passaram a aportar com mais frequência no Brasil cientistas e viajantes estrangeiros de países europeus diversos. Ambos chegam ao Brasil num período de transição de regimes. Presenciam o ocaso do período colonial brasileiro. Todavia Saint-Hilaire não assiste, como Debret, o início do primeiro reinado no Brasil sob a coroa de Dom Pedro I (5).

O território de Porto Alegre fora ocupado somente a partir de meados do século XVIII. Anteriormente à passagem destes franceses, Macedo (1999, p.58) aponta que

[...] nessa imensa área havia apenas à beira d'água, na ponta da península, um punhado de posteiros, aplicados à pesca e à navegação fluvial. Foi ali que se iniciou um pequeno aglomerado de ranchos cobertos de palha e o primeiro edifício público – uma capela (MACEDO, 1999, p. 58).

É neste espaço geográfico que o reflexo da troca estabelecida pelo tratado de Madri, de 1750, se dá. Por conta deste acordo (6) entre as coroas ibéricas que assegurava a troca da Colônia do Sacramento, portuguesa, pela região onde outrora estavam estabelecidos os povoados missioneiros, espanhóis, “o rio Jacuí assume relevante importância como estrada líquida de penetração ocidental, ao mesmo tempo que se torna imperiosa a ocupação do solo, isto é, a povoação da grande área interiorana que passaria à Coroa Portuguesa” (MACEDO, 1999, p. 59). Os indivíduos que passariam a percorrer este ambiente com o intuito de povoá-lo seriam portugueses emigrados do arquipélago dos Açores. Estavam destinados também a iniciar uma economia de subsistência que proveria as tropas sediadas no Rio Grande do Sul (PESAVENTO, 2002). Macedo (1999, p. 59) aponta que “foi providenciada a colonização com ilhéus açorianos; do Rio Grande partiu um grupo para Rio Pardo e de Laguna veio um outro para o Sítio do Dornelles”. Assim, o porto de Viamão, na sesmaria do Dornelles, estratégico ponto geográfico para o encontro e provimento dos que percorreriam os caminhos fluviais rumo à oeste, em direção às Missões e ao vale do Jacuí, ou ao sul, em direção à Rio Grande e de lá para o Atlântico, assume maior relevância no contexto regional (MACEDO, 1999). Segundo Pesavento (2002, p.22)

[...] chegando em grandes levas a partir de 1752 (ponto alto da imigração), os ‘casais d’El Rey’ foram distribuídos pelo Porto de Viamão ou do Dornelles (Porto Alegre) e pela beira do Jacuí (Rio Pardo, Santo Amaro, Triunfo, Taquari), não recebendo terras de imediato, ante a possibilidade de serem transferidos para as Missões.

Macedo (1982, p. 47) indica que estes chegam “na ponta da península onde é hoje o centro de Porto Alegre, não para povoar e sim para concluir o preparo de

embarcações que os lavariam pelo rio Jacuí até as proximidades da área destinada pelo Tratado de Madri”. Na ponta da península próxima aos rios Jacui, dos Sinos, Gravataí e Caí, aquele pequeno núcleo “passa de vila de Pescadores ao ‘Porto dos Casais’” (SOUZA; MULLER, 1997, p. 41).

Frustrado o Tratado de Madri esta população permaneceu ali e pouco a pouco foi se instalando de maneira mais permanente. Macedo (1973, p. 61) explica que “os insucessos da demarcação dos limites retiveram os ilhéus nesta área, durante vinte anos, sem receber terras, uns plantando pequenas roças e outros trabalhando nas fortificações de Santo Amaro”. O deslocamento da capital para Viamão (7) engrossa a população incipiente da ponta da península e o povoado é elevado à freguesia em 1772 (MACEDO, 1982; SOUZA; MULLER, 1997). Um ano depois, “em 1773 tornou-se capital da Província, mesmo antes de ser elevada a Vila” (SOUZA; MULLER, 1997, p. 47). A dinamização das funções comerciais e portuárias foi possível devido à produção de trigo realizada pelos portugueses açorianos a partir de 1780 (PESAVENTO, 2002; SOUZA; MULLER, 1997). Assim, Porto Alegre assume a “*função de apoio à produção agrícola*, que vai continuar sendo o marcador de ritmo de seu crescimento, muito mais do que a pecuária” (SOUZA; MULLER, 1997, p. 48). A incidência de doenças nos trigais – que atacou as plantações gaúchas em 1814 – e a competitividade do produto proveniente de outros países protegidos por baixas taxas de exportação acabaram por desestimular novas plantações (PESAVENTO 2002; SOUZA; MULLER, 1997).

Apesar dos problemas com a produção tritícola o prestígio de Porto Alegre não se abateu, pois “o acerto do núcleo escolhido para a nova capital é atestado pelo fato de Porto Alegre assumir o seu papel e nunca mais deixar de exercê-lo” (SOUZA; MULLER, 1997, p. 47).

A década de 1820 é, para Porto Alegre, o momento em que a cidade assenta-se como núcleo mais estruturado do que o dos anos do início da ocupação e fixação no território; em que a cidade vai consolidando pouco a pouco suas características de entreposto comercial e porto de escoamento da produção regional com o estabelecimento das colônias de imigrantes alemães, vindos a partir de 1824, desenvolvendo agricultura de subsistência e comércio do excedente. No início da década a cidade conta com uma população de cerca de 12 mil habitantes (SOUZA; MULLER, 2007).

## **DIALOGANDO E CONHECENDO PORTO ALGRE**

O campo da história parece dar crédito aos relatos desses sujeitos como fontes indispensáveis e indubitavelmente valiosas para o conhecimento do passado histórico

brasileiro como nos faz crer Boris Fausto (1995). Ao escrever sobre a história do Brasil este autor afirma que após a abertura dos portos às nações amigas em 1808,

[...] vieram ao Brasil cientistas e viajantes estrangeiros, como o naturalista e mineralogista inglês Jonh Mawe, o zoólogo bávaro Spix e o botânico Martius, também bávaro, o naturalista francês Saint-Hilaire, autores de trabalhos que são uma fonte indispensável de conhecimento daquela época (1995, p. 127).

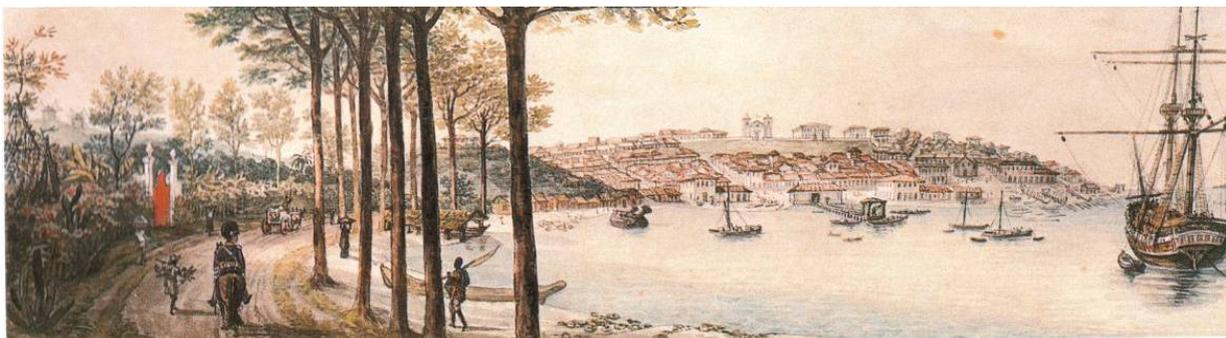
Todavia, os estudos do campo do urbanismo e das transformações físicas da cidade de Porto Alegre utilizam como referência os viajantes estrangeiros de maneira dispersa, sem aprofundar ou focalizar suas impressões a partir de um trabalho específico e sem realizar de maneira aprofundada um diálogo cruzado entre eles e seus distintos tempos (MELLO, 2010).

Ao relatar o Brasil que vislumbravam, os viajantes estrangeiros pretenderiam, como diz Pesavento (2004), observá-lo, inventá-lo-ia, catalogá-lo, mas principalmente, dar a conhecê-lo. Por isso o esforço em descrever minuciosamente os pormenores da cidade anteriormente desconhecida, em detalhar os variados aspectos do ambiente e da vida dos locais visitados.

Iniciaremos este cotejamento ao focalizar pontos tanto do texto quanto da imagem. Realizaremos uma leitura dirigida do diário e da pintura buscando pontos de convergência acerca da apresentação e construção da imagem da cidade. Destacaremos entre seus atributos mais relevantes os aspectos locais, a posição e características dos equipamentos e espaços públicos, as particularidades da relação cidade e sítio de implantação.

Ao descrever os aspectos locais da cidade de Porto Alegre Saint-Hilaire anota em relação à implantação da cidade que, desde a estrada que leva de Viamão a capital “divisa-se então a cidade e segue-se pelo alto da colina, que tem a forma de um istmo, na direção de um lago (Lagoa dos Patos), sobre o qual está situada a cidade” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 39). Mais adiante escreve que “Porto Alegre (...) fica situada em agradável posição sobre uma pequena península formada por uma colina que se projeta de norte a sudoeste sobre a Lagoa dos Patos” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 41). Equivoca-se o autor ao nominar o Guaíba de Lagoa dos Patos. No entanto sua percepção de uma cidade que assenta-se sobre a colina que avança rumo às águas do Guaíba e somente sobre ela coincide com o panorama geral da pintura de Debret (Fig. 1). Mais adiante o botânico indica que “a cidade de Porto Alegre dispõe-se em anfiteatro sobre um dos lados da colina de que falei, voltado para noroeste” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 42). Ao tratar a cidade como anfiteatro indicar ambiente que se apresenta organizado

em desnível, por patamares além de sua forma geométrica semi-circular. Ambas as características – patamares e semi-círculo – encontram correspondência na pintura de Debret. Todavia, o que é conciso e sintético em Saint-Hilaire é cheio de vida e movimento em Debret (Fig. 1). A análise de Saint-Hilaire aproxima-se de uma leitura em planta baixa da implantação. Debret apresenta a cidade desde o ponto de vista do observador, sem vãos.



**Figura 1:** J.B. Debret. Pintura em aquarela sobre papel intitulada *Paranaguá*, 1827. A referência à cidade é um equívoco do autor. Trata-se na verdade de um panorama da cidade de Porto Alegre. Fonte: BANDEIRA, 2008, p. 310-311.

O botânico também dirige seu olhar à malha urbana e às ruas da cidade. Segundo seus apontamentos

[...] ela se compõe de 3 longas ruas principais que começam um pouco aquém da península, no continente, por assim dizer, estendendo-se em todo o comprimento paralelamente ao lago, sendo atravessada por outras ruas muito mais curtas, traçadas sobre a encosta da colina (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 42).

Algo como uma malha xadrez comprida e estreita que se assenta sobre a face da colina voltada ao norte. Mesmo sem ser uma visão aérea, a pintura de Debret acompanha a descrição do naturalista, no que tange a forma geral da malha urbana de Porto Alegre (fig1). É possível acompanhar pelo menos duas das ruas longitudinais de que fala Saint-Hilaire: a da praia (que tem início junto à ponta da península, onde as canoas estão na praia) e a do topo da colina (onde estão a igreja e alguns edifícios portentosos destacados). A terceira é a mais difícil de traçar, pois fica entre estas duas, à meia encosta.

Sobre as ruas escreve que

[...] uma dessas três grandes ruas, chamada Rua da Igreja [atualmente Duque de Caxias], estende-se sobre a crista da colina. É aí que ficam os três principais edifícios da cidade, o Palácio, a Igreja Paroquial e o Palácio da Justiça. São construídos alinhados e

voltados, para noroeste (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 42).

A exposição de Saint-Hilaire indica precisamente que prédios destacados são aqueles três no topo da colina. A rua da crista da colina apresenta uma linda vista para seus arredores e empresta sua imponência aos principais edifícios da cidade – o do poder religioso e os da administração da Província. Faremos comentários mais específicos em relação a esse local, sua praça e edifícios mais adiante.

Afirma ainda que “surpreendeu-me o movimento desta cidade” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 39) e dentre as ruas mais movimentadas está a da Praia que segundo ele

[...] é a única comercial, é extremamente movimentada. Nela se encontram numerosas pessoas a pé e a cavalo, marinheiros e muitos negros carregando volumes diversos. É dotada de lojas muito bem instaladas, de vendas bem sortidas e de oficinas de diversas profissões (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 42).

O botânico anota observações bastante elogiosas à paisagem que avista desde a cidade. Chama sua atenção a vista que se descortina a partir do topo da península onde está implantada a cidade. Dali, de onde estão os edifícios dos Palácios e da Igreja Paroquial, divisa as águas calmas do Guaíba, suas ilhas e seus arredores. Saint-Hilaire (*in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 42) aponta que “para além da Rua da Igreja, do Palácio, dos edifícios vizinhos dessa praça e das casas existentes mais abaixo, avista-se o lago, que apresenta ter a mesma largura do Loire em Orléans, circundado de ilhas baixas e cobertas de vegetação pouco crescida”. Depreende-se destas descrições que a aparência geral da cidade é para ele muito agradável e encantadora. Debret realizava sua pintura de um ponto de vista diretamente inverso ao do naturalista, da margem do lago para a colina. Como a visual da margem para a parte alta da cidade é registrada sem obstáculos podemos facilmente conceber que a apreciação desde Rua da Igreja seria de uma vista totalmente desimpedida, principalmente para o corpo d’água. Afinam-se ambos os registros, o visual e o textual.

Noutro momento de seu diário Saint-Hilaire faz comentários sobre um dos caminhos de acesso à Porto Alegre. Segundo ele

O caminho que lá [na casa de campo do Conde de Figueira a 3/4 de légua da cidade] vai dar tem o nome de caminho novo, porque foi aberto recentemente. É uma continuação da grande estrada de Porto Alegre, e, como é muito plano torna-se mais cômodo para as carruagens do que aquele pelo qual cheguei. De um lado o caminho é guarnecido por uma linha de salgueiros e no outro existem casas de

campo e jardins cercados de sebes de uma mimosácea espinhosa (FILHO; FRANCO, 2004, p. 39).

Este caminho impressiona o francês pela beleza e apazibilidade, o que o leva até mesmo a compará-lo a caminhos europeus. Escreve ele que “raros são os passeios tão encantadores como o do caminho novo, o qual lembra tudo quanto existe de mais agradável na Europa” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 39). Essa analogia com o que de agradável existe em seu continente nos parece uma tentativa do autor em europeizar traços da cidade antes desconhecida, de ver virtude só no que se assemelha ao seu ambiente. Essa estrada encantadora comparece na pintura de Debret sendo percorrida por um soldado, por vendedores, por uma carroça e por pescadores. A linha de salgueiros, à margem do Guaíba, e as casas de campo e jardins também estão presentes numa complexidade de cores, formas e experiência humana que o texto do botânico se esforça em alcançar adjetivando exaltando os ambientes (Fig. 2).



**Figura 2:** Detalhe do Caminho Novo da cidade de Porto Alegre em aquarela por J.B. Debret, 1827. Fonte: BANDEIRA, 2008, p. 310-311.

Ao descrever as ruas da cidade de Porto Alegre Saint-Hilaire faz declarações em relação ao seu calçamento. Anota que

Várias dessas ruas transversais são calçadas, outras somente em parte, porém todas muito mal pavimentadas. Na chamada Rua da Praia, que é a mais próxima do lago, existe diante de cada grupo de

casas um passeio constituído por largas pedras chatas em frente do qual são colocados, de distância em distância, marcos estreitos e altos (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 42).

Noutro momento comenta a falta de limpeza das ruas. Avalia-as tão suja que chega a ressaltar que “depois do Rio de Janeiro não vi cidade tão suja, talvez mesmo mais suja que a metrópole” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 39). Tratando ainda da limpeza da cidade, pior que a da movimentada capital do país, dá a razão de sua sujeira e indica os locais onde o seu acúmulo é maior. Segundo ele

Poucas casas possuem jardim e muitas não tem mesmo pátio, redundando isso no grave inconveniente de serem atiradas à rua todas as imundícies, tornando-as de uma extrema sujeira. As encruzilhadas, os terrenos baldios e principalmente as margens do lago são entulhadas de lixo” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 44).

A imagem de Debret não focaliza a sujeira, tampouco poderia registrar odores desagradáveis. Todavia, essas informações se complementam, pois uma traz detalhes que a distância em que foi observada e registrada a cidade não captaria.

Em relação aos equipamentos e espaços públicos extraímos do diário, anotações a respeito dos hospitais, templos religiosos, edifícios públicos, dentre outros que serão apresentados.

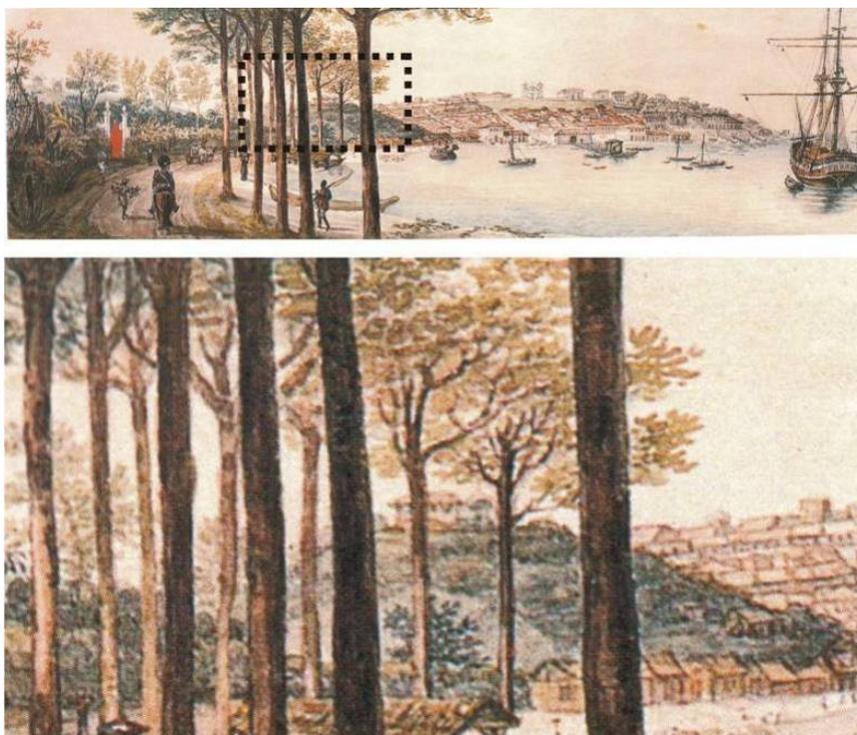
Ao fazer alusão à futura Santa Casa de Misericórdia afirma que

Fora da cidade, sobre um dos pontos mais altos da colina onde ela se desenvolve, iniciou-se a construção de um hospital cujas proporções são tamanhas que talvez não seja terminado tão cedo. Mas sua posição foi escolhida com rara felicidade, ficando perfeitamente arejado, bastante distanciado da cidade para evitar contágios e ao mesmo tempo próximo quanto às facilidades de suprimento médico e farmacêutico (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 44).

A descrição da posição da Santa Casa ainda em construção sugere duas questões. A primeira é que, em contraposição ao fora da cidade onde o hospital estava sendo construído, o dentro da cidade, ou seu limite, ou o espaço de sua intensa vida, não chegava perto das obras da Santa Casa já que esta estava, segundo o naturalista, bastante distanciado. A outra é a possível motivação da escolha da localização do futuro hospital, fora da cidade – afastando os doentes dos sãos, evitando contágios pelo ar que se renova constantemente em lugar alto – que deveria ter relação com as noções de saúde da época.

Na aquarela de Debret, entre os salgueiros que ladeiam o caminho novo, pode-se identificar a posição de uma grande edificação. Percebe-se que ela está fora da

cidade – não esta posicionada junto à malha urbana – num dos pontos mais altos da pintura. Está ainda localizada distante dos pontos onde parece haver maior movimentação de pessoas – o Caminho Novo e a parte baixa da cidade à direita, o porto da praia. Podemos, assim, traçar este paralelo entre o texto de Saint-Hilaire e o que parece ser a incipiente Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (fig.3).



**Figura 3:** Detalhe da Santa Casa ao fundo entre as árvores em aquarela da cidade de Porto Alegre por J.B. Debret, 1827. Fonte: BANDEIRA, 2008, p. 310-311.

Num destes pontos distantes à Santa Casa, já na ponta da península, “na extremidade da Rua da Praia existem dois prédios, vizinhos, servindo de armazéns para a marinha, de depósito de armas, e onde se instalou, para as necessidades das tropas, oficina de armeiro, seleiro e carreiro” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 43). A ponta da península era usada então como espaço militar. Mais adiante há a descrição desses prédios. Segundo ele “do lado do lago, onde esses prédios têm a fachada, cada um apresenta uma espécie de apartamento alongado, de rés-do-chão, na extremidade do qual há um pavilhão de um andar” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 43-44).

A imagem de Debret apresenta, mais próximo a ponta da península, ao lado do largo da pequena Igreja das Dores, a edificação alongada construída como parte um pavimento e parte sobrado. Logo adiante desta fachada, o Guaíba e sua margem salpicada de diversas embarcações além de um grande movimento de pessoas (fig.4).

Aqui o texto de Saint-Hilaire ajuda a desvendar as funções das construções e chama a atenção para suas características formais.

Sobre os templos religiosos o naturalista aponta que “além da igreja paroquial existem mais duas outras ainda não terminadas. Numa, contudo, já celebram missa, enquanto a outra, ainda não coberta, tem sua construção paralisada” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 43). A construída é a da Matriz e as duas em construção são a das Dores e a Nsa Sra do Rosário. Estendendo sua análise à posição da Igreja das Dores anota que “entre os dois edifícios [de cunho militar da ponta da península] há um espaço considerável, correspondendo, em um plano mais elevado, à Igreja das Dores, uma das duas retrocitadas” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 43-44). Analisando o desenho de Debret encontramos a Igreja das Dores em seu plano elevado e o largo diante dela. Esta Igreja parece, na aquarela, menor que a Paroquial e tem, além do corpo central, duas torres sineiras inacabadas. Estes detalhes complementam o texto de Saint-Hilaire, pois este não faz qualquer descrição da igreja, a não ser indicar que ela se encontrava inacabada.

Ao avaliar o largo defronte à igreja das Dores o botânico escreve que

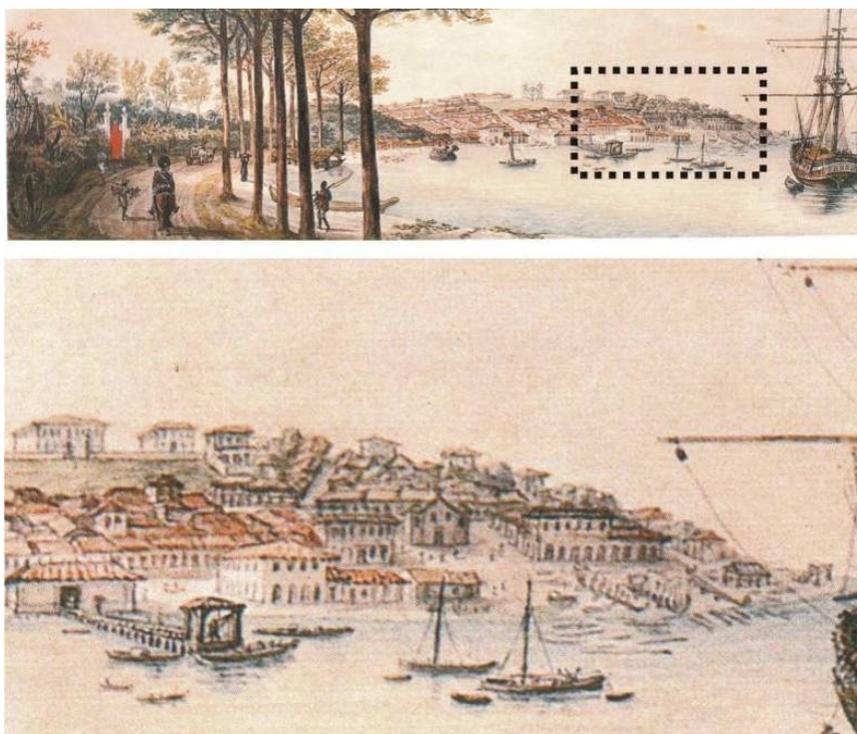
Em frente da igreja, além dos armazéns e portanto próximo ao lago, vê-se uma coluna encabeçada por um globo, indicando que a cidade é a sede de uma comarca. Diante dela construiu-se um dique de pedra destinado a servir de cais para os 2 armazéns. Esse conjunto teria um belo efeito se a igreja estivesse pronta, se o terreno existente entre ela e os dois armazéns tivesse sido nivelado, e se estes, embora construídos sob a mesma planta, não apresentassem diferenças tão chocantes (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 44).

É uma descrição que demonstra preocupação com a aparência do conjunto de prédio inacabado, esplanada desnivelada e diferenças chocantes entre as edificações. Mais adiante comenta que neste trecho da cidade próximo à ponta da península

[...] haviam começado um cais destinado ao arsenal, defronte da Igreja das Dores. Também iniciado sob o governo do Conde de Figueira foi interrompido após sua partida. Aliás tinha o grande defeito de não ser colocado em esquadro com a igreja; mas não era só – por uma economia absurda estava sendo construído com barro e pedras; as águas já estragaram muito e, em breve, nada mais haverá (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 47).

Essa passagem reafirma sua percepção estética da falta de relação entre as partes construídas, o que possivelmente sugere projeto que não atentou ao contexto e ao conjunto ou, até, a falta de projeto. Por outro lado esta percepção não viria de um espírito despreparado em avaliar nuances projetuais próprias da linguagem clássica e

barroca do projeto de espaços da cidade (8) como a simetria criada entre prédios semelhantes posicionados nas faces da praça, a força que a edificação ganha ao posicionar-se no ponto focal do conjunto, a importância estética da relação entre pólos do eixo formado pela perspectiva marcada. A preocupação se estende ainda à relação incompatível entre materiais utilizados para a construção e local de construção, a beira d'água.



**Figura 4:** Detalhe do Largo da Força e da Igreja das Dores (ao centro) em aquarela de Porto Alegre por J.B. Debret, 1827. Fonte: BANDEIRA, 2008, p. 310-311.

Na imagem de Debret do espaço da cidade onde está localizada a Igreja das Dores e seu largo (fig.4) não é possível identificar a coluna encabeçada pelo globo – o pelourinho. Tampouco o dique de pedra que serviria de cais aos armazéns, apesar de estar explícito, por conta das inúmeras canoas, que aquele é o local de atracação de embarcações de pequeno porte. Provavelmente o dique, à distância, seria um detalhe desprezível. Todavia é importante notar como a descrição de Saint-Hilaire complementa a pintura e dirige o olhar a determinadas características daquele espaço público, principalmente quando faz considerações analíticas quanto ao agenciamento do espaço público e das relações entre as edificações. Na pintura o espaço a frente da igreja é similar a um terreiro em desnível sem maiores cuidados e a Igreja das Dores tem as suas duas torres – uma de cada lado do corpo central – ainda baixas e inacabadas, correspondendo às anotações de Saint-Hilaire.

Noutro momento o texto do diário indica, sobre o cais e a alfândega, que

Quase na metade dessa rua [a rua da Praia] existe um grande cais dirigido para o lago, e ao qual se vai por uma ponte de madeira de cerca de cem passos de comprimento, guarnecida de parapeitos e mantida sobre pilares de alvenaria. As mercadorias que aí se descarregam são recebidas na extremidade dessa ponte, sob um armazém de 23 passos de largura por 30 de comprimento, construído sobre 8 pilastras de pedra em que se apóiam outras de madeira. A vista desses cais seria de lindo efeito para a cidade se não houvesse sido prejudicada pela construção de um edifício pesado e feio, à entrada da ponte, de 40 passos de comprimento, destinado à alfândega (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 42).

A opinião que emite sobre a relação cais e alfândega vai além da descrição geométrica-formal do conjunto situado no meio da Rua da Praia. A relação entre trapiche de madeira, edifício e margem desfavorece esteticamente esse trecho da cidade. A feia e pesada construção obstrui a relação visual entre cais e rio. Um ano após sua primeira passagem pela cidade afirma que o

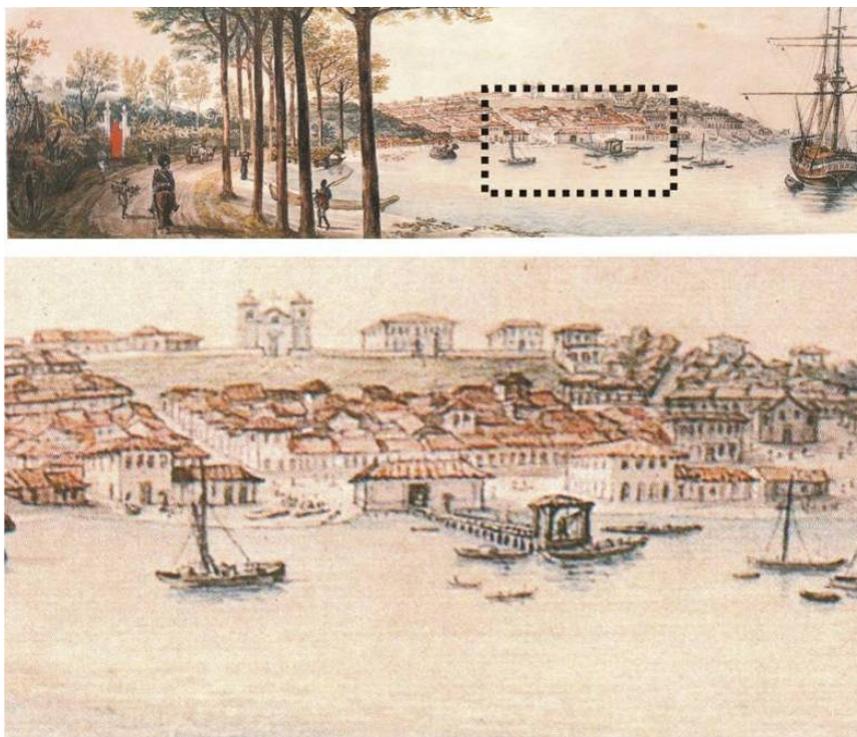
[...] edifício da Alfândega, de muito mau gosto, [...] foi demolido, tendo sido iniciado o levantamento de outro com melhor projeto. Entretanto, insisto em acreditar que seria melhor, para embelezamento da cidade, não encobrir o cais e formar diante dele uma espécie de praça onde continuassem a realizar a feira (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 47).

Apesar de perceber virtudes maiores no edifício novo em construção do que no anterior continua reprovando o agenciamento geral do espaço do cais e alfândega. Além da crítica propõe uma configuração do espaço que embelezasse a cidade, através de visuais desimpedidas e uma praça para a feira que fosse uma esplanada . Sobre esse mercado e sua vida ele aponta que

É na Rua da Praia, próximo ao cais, que fica o mercado [ou a quitanda]. Nele vendem-se laranjas, amendoim, carne seca, molhos de lenha e de hortaliças, principalmente de couve. Como no Rio de Janeiro os vendedores são negros. Muitos comerciam acorados junto à mercadoria à venda, outros possuem barracas, dispostas desordenadamente no pátio do mercado (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 44-45).

Na imagem de Debret (fig.5) o edifício da Alfândega, na entrada do trapiche que avança sobre o Guaíba, bloqueia de fato a relação visual direta entre a praça e o interior do lago. A descrição textual e a imagem também encontram paralelo quanto ao aspecto e relação entre trapiche de madeira e as construções de suas extremidades. A alfândega é aqui graficamente representada como uma edificação austera, de um pavimento e com apenas uma abertura, tornando o seu aspecto

pesado. A agitação da quitanda no interior da praça não está presente, mas nessa relação entre as duas formas de registro as informações acabam por se associar e apresentar um quadro mais completo da cidade associando lugares com vivências cotidianas.



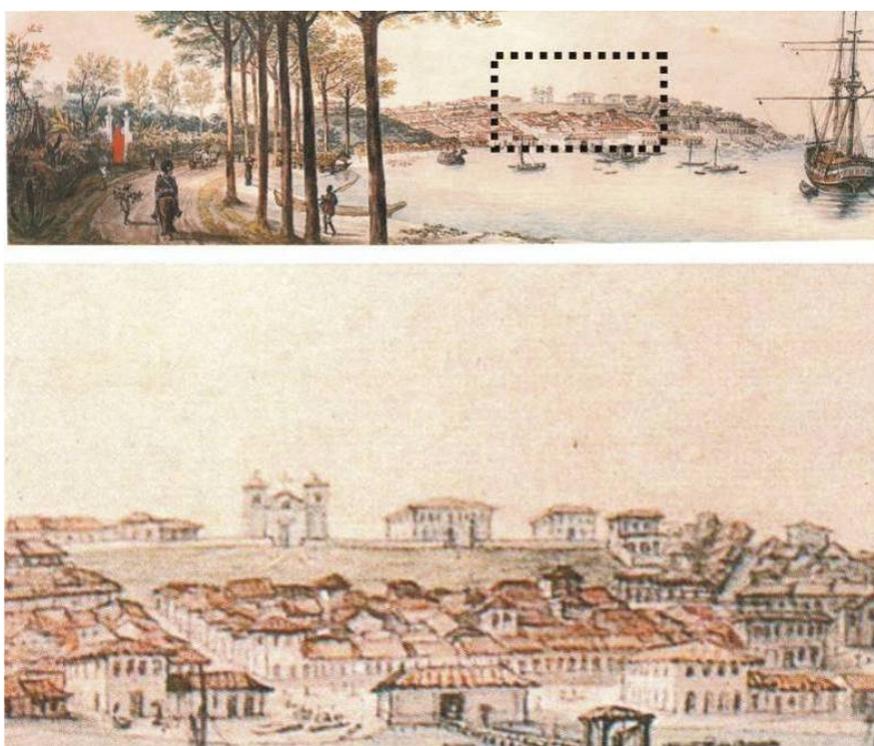
**Figura 5:** Detalhe do edifício da Alfândega e seu trapiche que avança sobre o Guaíba (ao centro) em aquarela de Porto Alegre por J.B. Debret, 1827. Fonte: BANDEIRA, 2008, p. 310-311.

Sobre os edifícios localizados na posição mais imponente da cidade anota que, sobre a crista da colina “ficam os três principais edifícios da cidade, o Palácio, a Igreja Paroquial e o Palácio da Justiça. São construídos alinhados e voltados, para noroeste” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 42). Estes edifícios não apresentam, na opinião do naturalista, caráter monumental (9). São, pelo contrário, edifícios acanhados e que não acompanham da posição física que ocupam. Escreve ele que “os edifícios existentes no cume da colina não oferecem beleza independente da situação. Pode-se mesmo afirmar que eles não estão em relação com a importância da cidade e a riqueza da Capitania” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 43). Após, passa a descrever os edifícios. Segundo suas anotações

O Palácio do Governador não passa de uma casa comum, de um andar e nove sacadas na frente. Mal dividido internamente, não possui uma só peça onde se possa reunir uma sociedade numerosa como a de Porto Alegre. O Palácio da Justiça é muito mais mesquinho ainda, térreo. A igreja paroquial, cujo acesso se faz por uma escada, tem duas torres desiguais; é clara, bem ornamentada e tem dois altares além dos que acompanham a capela-mor. Entretanto

é muito pequena pois, segundo medi, conta apenas 40 passos da capela-mor à porta. [...] A sede da Câmara não passa de uma casinha térrea, onde dificilmente se instalaria um particular medianamente abastado (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 43).

A descrição reforça a idéia de acanhamento geral das edificações que deveriam ser as mais imponentes e suntuosas da cidade. Souza (2008, p.110) tratando das cidades brasileiras chama a atenção que “na análise das estruturas urbanas, verifica-se que se confere sempre um lugar privilegiado ao poder, explorando a carga simbólica das formas onde o urbanismo e a arquitetura traduzem eficazmente, numa linguagem própria, o prestígio que rodeia o poder”. A importância simbólica dos edifícios está caracterizada na posição, mas não na aparência e tamanho das construções.



**Figura 6:** Detalhe da Praça da Matriz com os edifícios da igreja matriz (à direita), o palácio do governo (ao centro) e câmara (à esquerda) em aquarela de Porto Alegre por J.B. Debret, 1827. Fonte: BANDEIRA, 2008, p. 310-311.

Diferentemente de algumas Casas de Câmara de outras regiões do Brasil construídas durante o período colonial que tem a cadeia anexada ao seu corpo Saint-Hilaire nos informa que “aqui a cadeia não faz parte da casa de Câmara, existindo duas muito pequenas, situadas à entrada da cidade” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 43). Não faz menção à forma ou qualquer característica das cadeias situadas próximas ao canteiro de obras da futura Santa Casa.

Estas edificações correspondem, na imagem de Debret (fig.6), a posição indicada por Saint-Hilaire. O aspecto destas edificações também é equivalente ao relato escrito. São edifícios singelos, baixos, estão todos alinhados em relação à rua do topo da colina voltados para a face norte da colina. O edifício do Palácio do Governo, ao lado da igreja, é o que conta com o maior número de aberturas e a escada de acesso à Igreja Paroquial está representada. As observações do botânico acerca de aspectos internos das edificações revelam o que a pintura não mostra.

Saint-Hilaire alude também à praça no topo da colina dizendo que

Na outra face da rua [do cume da colina onde ficam os edifícios mais importantes da cidade], em frente, não existem edifícios, mas tão somente um muro de arrimo, a fim de que não seja prejudicada a linda vista daí descortinável. Abaixo desse muro, sobre o declive da colina, existe uma praça, infelizmente muito irregular, cujo aterro é mantido por pedras soltas sobre o solo, formando tabuleiros dispostos em losango (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 42).

Ao retornar um ano após a primeira passagem ele descreve novamente a praça: “Logo que o Conde Figueira partiu interromperam-se os trabalhos da praça existente abaixo da Igreja e do Palácio. As enxurradas já rasgaram ravinas e a obra será em breve totalmente perdida, se continuar esquecida” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 47). A praça era agora um espaço ainda mais precário.

A praça da pintura, como a do texto descritivo, não é nada além de um extenso terreiro sem qualquer vestígio de paisagismo ou tratamento e tendo o muro de arrimo a função de retificar o local de implantação das edificações eclesiástica e as da administração. No entanto, a descrição do botânico focaliza detalhes que a aquarela, pela distância do ponto de vista e a síntese que a pintura requer, não alcança. É o caso da irregularidade do solo do largo, com pedras soltas e de sulcos criados pelas chuvas.

Quando faz comentários sobre o conjunto da arquitetura residencial Saint-Hilaire anota que “surpreendeu-me [...] o grande número de edifícios de dois andares [...]. Percebe-se que Porto Alegre é uma cidade muito nova. Todas as casas são novas e muitas estão ainda em construção” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 39). Mais adiante relata que

Há aqui grande número de casas muito bonitas, bem construídas e bem mobiliadas, mas não há uma sequer que possua lareira ou chaminé. Os quartos são altos, as portas e janelas fecham-se mal; estas têm freqüentemente as vidraças quebradas e há casas em que se não pode procurar um objeto sem primeiro abrir os postigos das janelas e até mesmo as portas (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 40).

A aparência geral das residências ainda tem outras características. Segundo o botânico “as casas de Porto Alegre são cobertas de telhas, caiadas na frente, construídas em tijolo sobre alicerces de pedra; são bem conservadas. A maior parte possui sacadas. São em geral maiores que as das outras cidades do interior do Brasil” (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 42). Pelas características se trata da típica arquitetura colonial brasileira de raiz portuguesa de telhas de barro, brancas caiadas e de base de pedra, com sacadas e fechamento das aberturas de madeira.

É exatamente o aspecto geral das edificações pintadas por Debret, o de edificações com características da matriz colonial portuguesa.

A população da cidade também atrai o olhar do naturalista. Em relação aos tipos físicos que circulam pelas ruas ele comenta que

Surpreendeu-me [...] a quantidade de brancos aqui existentes. Aqui vêem-se pouquíssimos mulatos. A população compõe-se de pretos escravos e de brancos, em número muito mais considerável, e constituídos de homens grandes, belos, robustos, tendo a maior parte o rosto corado e os cabelos castanhos (SAINT-HILAIRE *in* FILHO; FRANCO, 2004, p. 39).

Não é uma cidade de brancos, mas com uma população européia e dela descendente mais presente em relação aos negros escravos do que em outras cidades do Brasil por ele visitadas anteriormente. As únicas figuras humanas que se pode distinguir na aquarela são os que circulam pelo Caminho Novo. São eles, como já mencionado, um soldado que está de costas, vendedores e pescadores, que são representados como negros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Este equívoco – da não correspondência entre título e imagem – passa facilmente despercebido se não houver a devida atenção à cidade representada. A recente obra *Debret e o Brasil: obra completa* de Bandeira e Lago (2006) ao tratar da referida imagem, acaba embarcando no engano. Estes autores, organizadores da obra, escrevem que

“Nesta aquarela que não foi reproduzida na *Viagem Pitoresca*, Debret oferece um belo panorama do porto de Paranaguá. Pintada provavelmente em 1827 no retorno por mar da viagem do artista ao Sul, este registro da antiga vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá – fundada em 1648, a cidade mais antiga do Paraná – oferece todos os elementos do “instantâneo” característico de Debret. O soldado a cavalo, o vendedor ambulante, o pescador, são todos elementos que trazem cada um uma história nessa sua aquarela que

está entre as mais bonitas pintadas no Brasil” (BANDEIRA; LAGO, 2008, p. 310).

Imaginamos que, através deste diálogo entre o texto do diário de Saint-Hilaire e a imagem da aquarela de J.B. Debret, através desta correlação entre texto e imagem – onde a leitura dirige o olhar à imagem e a imagem pede explicações ao texto – pudemos explicitar algumas das características da cidade de Porto Alegre na década de 1820, além de demonstrar o equívoco do pintor ao nomear uma de suas aquarelas, a erroneamente denominada *Paranaguá*.

#### **NOTAS:**

(1). Por oficiais estamos entendendo as atas e relatórios do poder público, mapas e plantas da cidade dentre outros documentos.

(2). Auguste Saint-Hilaire morreu na cidade francesa de Turpinière em 1853.

(3). “Logo ao chegar, durante sua breve estada na Bahia, Dom João decretou a abertura dos portos do Brasil às nações amigas (28 de janeiro de 1808). Mesmo sabendo-se que naquele momento a expressão ‘nações amigas’ era equivalente à Inglaterra, o ato punha fim a trezentos anos de sistema colonial” (FAUSTO, 1995, p. 122).

(4) “Em novembro de 1807, tropas francesas cruzaram a fronteira de Portugal coma Espanha e avançaram em direção a Lisboa. O Príncipe Dom João, que regia o reino desde 1792, quando sua mãe Dona Maria fora declarada louca, decidiu-se, em poucos dias, pela transferência da Corte para o Brasil” (FAUSTO, 1995, p. 121).

(5). Saint-Hilaire já estava de “regresso a Paris, em agosto de 1822” (DREUZY in SAINT-HILAIRE, 2002, P.9).

(6). O Tratado de Madri, de 1750, foi anulado pelo Tratado de El Pardo de 1761 retornando o Sacramento para Portugal e Missões para a Espanha (PESAVENTO, 2002).

(7). O governador de Buenos Aires D. Pedro Cevallos investe, em 1763, contra a Vila de Rio Grande (MACEDO, 1999; PESAVENTO, 2002). Esta invasão faz com que a administração regional ali instalada transfira-se às pressas para Viamão, transformando-a por dez anos na sede administrativa da Província. A ocupação espanhola e a “fuga dos portugueses, então, iria valorizar a povoação dos campos de Viamão” (MACEDO, 1999, p. 51). Esta transferência foi importante para a formação desta cidade às margens do Guaíba que iremos estudar, pois “em virtude desse porto, o núcleo tomaria a dianteira da então capital Viamão, sobrepondo-se-lhe em virtude da função portuária que desde o início exerceu” (SOUZA; MULLER, 1997, p. 43).

(8). Sobre a linguagem barroca nos projetos dos espaços urbanos ver BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade. 4ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

(9). Monumental para a arquitetura é “edificação grandiosa, extraordinária, magnífica. Arquitetonicamente falando, o termo refere-se mais à essas qualidades do que a tamanho e dimensões. Arquitetura monumental é aquela que atinge uma importante função numa grandiosa beleza” (CORONA; LEMOS, 1989, p. 326).

## **BIBLIOGRAFIA:**

- . BANDEIRA, Júlio e LAGO, Pedro Corrêa do. **Debret e o Brasil: obra completa, 1816-1831**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Capivara, 2008.
- . BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes: um lugar no universo**. São Paulo: Metalivros, 1994.
- . FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Edusp, 1995.
- . FILHO, Valter Antonio Noal e FRANCO, Sergio da Costa. **Os viajantes olham Porto Alegre: 1754-1890**. Santa Maria, Anatterra, 2004.
- . MACEDO, Francisco Riopardense de. **Porto Alegre: origem e crescimento**. 2.ed. Porto Alegre, UE/Porto Alegre, 1999.
- \_\_\_\_\_ **Porto Alegre: aspectos culturais**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1982.
- \_\_\_\_\_ **Porto Alegre: historia e vida da cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1973.
- . MELLO, Bruno Cesar Euphrasio de. **A Cidade de Porto Alegre entre 1820 e 1890: as transformações físicas da capital a partir das impressões dos viajantes estrangeiros**. Dissertação de Mestrado defendida no PROPUR, UFRGS, 2010.
- . SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. 4ª Ed. Porto Alegre; Martins Livreiro Editor, 2002.
- . SOUZA, Célia Ferraz de e MULLER, Dóris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. 2ed. Porto Alegre; editora da UFRGS, 2007.
- . PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A construção de uma Porto Alegre imaginária – uma cidade entre a memória e a história**, in Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.
- \_\_\_\_\_ **História do Rio Grande do Sul**. 9ª ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2002.